

MANUAL DE REDAÇÃO JORNALISTICA PROF. IVAN CARLO



virtualbooks

MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICA

PROF. IVAN CARLO

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br**
Estamos à espera do seu e-mail.



www.terra.com.br/virtualbooks

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: favor avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br**, para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICA

"O jornalismo não é um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato"

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo, Ática, 35

"Surpresa agradável: cientistas confirmam que o cérebro adora o inesperado

Nada mais chato que a rotina e os acontecimentos absolutamente previsíveis, certo? Isso mesmo. A mente humana gosta é de ser surpreendida. Essa foi a conclusão a que chegaram neurologistas da Emory University Health Sciences Center, nos Estados Unidos. Por diversas vezes, os médicos pingaram gotas de suco de frutas ou de água em voluntários monitorados por ressonância magnética. A escolha da bebida era aleatória, ou seja, foram testadas diversas seqüências que podiam ser quebradas a qualquer momento. Quando a bebida era trocada – o que pegava o cérebro de surpresa –, a atividade dos neurônios ficava mais intensa. De tão entusiasmada, essa resposta chegava a ser mais forte do que aquelas causadas pela sensação de prazer. "A mente humana é atraída por estímulos inusitados. Quando um evento foge do esperado, o cérebro mobiliza mais células para gravar o acontecimento", explica o neurologista Paulo Henrique

Bertolucci, professor de Neurologia do Comportamento da Universidade Federal de São Paulo".
(Priscila Boccia. *Revista Saúde*, abril de 2001)

APRESENTAÇÃO

Este texto é resultado de minhas aulas como professor de cursos seqüenciais e de graduação na área de comunicação.

Ele foi feito com o objetivo de solucionar as principais dúvidas que eu encontrava em meus alunos quando estes começavam a escrever jornalisticamente.

Embora haja manuais de redação dos principais jornais do país, eles são visivelmente feitos para pessoas graduadas. A bibliografia de iniciação ao texto jornalístico é totalmente deficiente. O objetivo deste trabalho é, portanto, abrir caminho para a realização de um trabalho desse tipo, que sirva de guia para quem não conhece ainda nem mesmo os conceitos básicos de jornalismo, tais como pauta e lide.

Sendo um texto experimental, eu ficaria muito satisfeito ao receber críticas e comentários que possam enriquecê-lo.

INTRODUÇÃO

Seja uma senhora perguntando sobre seus novo vizinhos, um homem do campo ouvindo um radinho de pilha ou um executivo lendo um jornal, todos atualmente estão muito interessados em um produto chamado informação.

A necessidade de informação, de novidade, é tão antiga quanto o homem. Os nossos antepassados que se aproximavam cuidadosos de uma árvore em chamas após um relâmpago estavam curiosos com o fenômeno e queriam conhecê-lo melhor.

Da mesma forma, uma criança que coloca um objeto na boca está querendo informações sobre ele.

A curiosidade e a necessidade de informações movem o mundo. Mas o que é, exatamente, informação?

Leia a matéria abaixo e tente responder porque ela configura informação:

Pedreiro morde cachorro e quase é linchado

O pedreiro Jair Rodrigues da Silva, 32 anos, escapou de um linchamento em Americana (133 km de São Paulo), depois de morder o focinho de um cachorro vira-lata que o atacou, no bairro Antônio Zanaga, periferia da cidade.

O fato ocorreu quando Silva amarrou uma corda de nylon no pescoço do cachorro e saiu para passear. Como o animal não andava, o pedreiro resolveu empurrá-lo com um chute.

O cachorro o mordeu e o pedreiro revidou, primeiro com pauladas, depois a dentadas, que feriram gravemente o animal.

Moradores do bairro que assistiram a cena ficaram revoltados e passaram a perseguir o pedreiro, que só foi salvo graças à intervenção da Guarda Municipal de Americana.

O cachorro foi levado para o Centro de Zoonose da cidade. Silva foi para o Hospital Municipal de Americana, onde foi medicado e liberado. Os dois passam bem.

A polícia registrou boletim de ocorrência contra o pedreiro por maus tratos a animais.

Cachorros mordendo homens são muito comuns e, portanto, não dão notícia. Entretanto, um homem mordendo um cachorro é um evento que foge do normal e, portanto, configura informação.

Já temos, portanto, uma indicação do que seria informação: tudo aquilo que foge do normal, que é novo, diferente.

Esse conceito está intimamente relacionado ao de redundância. Redundância é repetição. Se escrevo duas vezes a mesma palavra, estou sendo redundante. Se levo meia-hora para dizer algo que poderia ser dito em dois minutos, estou sendo redundante.

A redundância é um conceito oposto ao de informação. O que é redundante não é informação, e o que é informação não é redundante.

Um cachorro mordendo um homem é redundância, pois diariamente milhares de cachorros mordem humanos. Mas um homem mordendo um cachorro é um evento com baixa probabilidade de ocorrer, sendo, portanto, informativo.

As pessoas costumam ter certa ojeriza à redundância. Pessoas que falam muito e dizem pouco costumam ser evitadas e chamadas de chatas. O indivíduo chato é, na verdade, um tremendo redundante.

Nosso cérebro tem tanta necessidade de informação que, quando o estímulo é muito redundante, ele simplesmente apaga. Esse é o princípio da hipnose. O hipnotizador balança um pêndulo monotonamente na frente do hipnotizado e repete sempre as mesmas palavras, no mesmo tom. Como defesa, o cérebro entra em estado hipnótico.

O mesmo ocorre com aquelas aulas chatas, em que todo mundo dorme. O estímulo é tão redundante que o cérebro se nega a continuar prestando atenção.

Se quisermos uma definição um pouco mais científica de informação, podemos recorrer ao conceito emitido pelo matemático Claude Shannon, criador da teoria da informação. Ele diz que informação é a diminuição da quantidade de incerteza quando se recebe uma resposta a uma pergunta.

Vamos imaginar uma situação. Eu recebo meus proventos por um determinado banco e ligo para o mesmo, perguntando se o dinheiro já saiu.

Se o funcionário responder “sim”, a minha quantidade de incerteza diminuiu, não é mesmo? O mesmo ocorre se ele responder “não”. Nos dois casos, a minha dúvida está sendo respondida de forma que eu tenha mais informações do que antes.

Entretanto, se o funcionário me der respostas como “Não sei” ou “talvez”, eu vou continuar com a mesma dúvida de antes. Assim, a mensagem é de nível informacional baixíssima.

A mesma situação pode ser aplicada a uma eleição.

Temos dois candidatos, A e B, ambos com chance de serem eleitos. Se o jornal me diz: “A venceu”, ele estará, certamente, repassando uma informação.

Quanto maior a quantidade de respostas possíveis, maior a quantidade de informação da mensagem. E a mensagem será mais informativa se a resposta for a menos provável.

A manchete “A e B empataram” tem muito mais informação do “A venceu”. Primeiro, porque agora o leque de respostas foi aumentado (antes eram apenas duas possibilidades, agora são três), segundo porque a resposta dada foi justamente a mais improvável. É muito pouco provável que dois candidatos tenham exatamente o mesmo número de votos.

Portanto, quanto maior a quantidade de respostas possíveis, maior a carga de informação da mensagem. E quanto mais improvável a mensagem, mais informativa ela será.

A mensagem "A venceu" terá mais informações, quanto maior for a quantidade de candidatos com chances reais de serem eleitos. E a mensagem terá ainda mais informação se "A" for justamente o candidato que se achava ter menores chances de vitória.

Um jornalista se vê diariamente diante de vários fatos e acontecimentos. Alguns devem ser enunciados, outros não. A escolha entre um e outro ficará a cargo da quantidade de informação desses eventos.

Isso fica bem claro no caso das pessoas vitimadas por balas perdidas no Rio de Janeiro. No começo a imprensa noticiou muito esses fatos, e agora parece ter se esquecido deles. O que aconteceu? As pessoas deixaram de ser atingidas por balas perdidas? Não. Simplesmente a coisa se tornou tão redundante que perdeu toda a carga de informação. A primeira pessoa acertada por uma bala perdida é um novidade. A centésima já é redundância.

O jornalista estará sempre em busca de eventos novos, improváveis. Não é à toa que uma das perguntas prediletas de todo repórter é "O que aconteceu de diferente?".

Ao fazer uma matéria sobre vigilantes noturnos, o jornalista procurará retirar do entrevistado casos e histórias que saiam do normal e, portanto, tenham interesse para o leitor.

Por outro lado, uma notícia que já tenha sido veiculada dificilmente vai voltar a ter interesse para o receptor.

Há um conto de Coltazar que mostra bem isso.

Um homem senta-se em um banco de praça e começa a ler um jornal. À medida em que lê, as páginas vão ficando em branco, demonstrando que aquilo já não é mais informação para ele.

O homem termina de ler e deixa as folhas em branco sobre o banco. Passa uma outra pessoa e vê um jornal normal. Afinal, como ela ainda não leu o jornal, ele ainda traz informações para ela. A pessoa começa a ler e as páginas vão ficando em branco, como ocorrera com o outro.

O processo continua por todo o dia, até a mei-noite, quando o jornal fica definitivamente em branco, ou seja, ele deixa de ser informativo e passa a ser, definitivamente, redundante.

Lembre-se: o jornalismo lida com o diferente, improvável, com fatos que fogem do normal.

Repertório

Já sabemos o que é informação e o que é redundância. Sabemos que um fato deixa de ser informação quando todos já o conhecem e sabem sobre ele.

O leitor pode chegar à conclusão de que o texto jornalístico é totalmente informativo, mas isso não é verdade. Mesmo o jornalismo precisa ter alguma redundância. Isso porque o texto jornalístico, além de informativo, precisa ser compreendido pelo público ao qual se destina.

Imagine que um rapaz vai enviar uma carta de romântica à sua amada. Lá pelas tantas ele escreve: Você é o sol e eu sou um heliotrópio.

Qual seria a reação dela? No mínimo ela iria achar que o coitado estava doido e que heliotrópio era doença.

Isso porque heliotrópio não faz parte do repertório dela. Mas o seu sinônimo, girassol, faz. Assim, se ele reescrevesse a frase, o resultado seria muito melhor: Você é um sol e eu sou um girassol.

Da mesma forma, o jornalista precisa adaptar sua linguagem ao repertório das pessoas que lêem jornal. A maioria das pessoas que cobram uma linguagem mais acadêmica nos jornais ignora completamente a questão do repertório.

Não quero dizer que o jornalismo deve usar uma linguagem inculta, mas deve-se privilegiar a linguagem coloquial.

Além disso, deve-se sempre procurar palavras que sejam mais acessíveis ao público. Quando isso não ocorre (é o caso de uma matéria sobre ciência), deve-se explicar o significado das palavras que estão sendo usadas no texto.

Não basta ser informativo. É necessário ser compreensível.

CAPÍTULO 1

A REDAÇÃO JORNALÍSTICA E AS OUTRAS MODALIDADES DE TEXTO

Antes de começarmos, é bom definir exatamente o que é um texto jornalístico para evitar problemas futuros. Devemos, acima de tudo, diferenciar o jornalismo da propaganda e de outras modalidades de texto.

Um texto jornalístico é igual a uma dissertação?

Não. Não é. Existe um tipo de texto jornalístico aparentado com a dissertação, o artigo, mas ele fica para depois. As matérias jornalísticas têm uma grande diferença da dissertação.

Veja um exemplo de uma dissertação e um texto jornalístico:

EXEMPLO DE DISSERTAÇÃO

ANTROPOFAGIA CULTURAL

Uma discussão que tem intrigado intelectuais, artistas e pesquisadores é a cultura brasileira. O que é cultura nacional? Quais são as manifestações culturais que podem ser caracterizadas como legitimamente tupiniquins? Existe realmente uma cultura nacional, ou somos simples imitadores? Uma resposta curiosa para essas perguntas é representada pela antropofagia cultural.

Esse ponto de vista ganha uma metáfora na desafortunada viagem do Bispo Sardinha. O episódio se passou na época do Brasil Colônia. O sacerdote teve sérias desavenças com o Governador Geral do Brasil, em Salvador. A coisa se tornou tão séria que a Corte o chamou a Portugal para que explicasse a situação. Ainda na costa brasileira, o barco naufragou e os sobreviventes nadaram desesperados até a praia. Deram azar. Os índios antropófagos estavam lá, esperando que a comida chegasse até eles. Que me desculpem o trocadilho, mas jantaram o sardinha.

O mesmo fez o povo brasileiro com a cultura que veio de fora. Ela foi jantada e digerida. Danças típicas, como a quadrilha e o carimbó tiveram sua origem nos salões nobres da Europa, mas aqui foram transformadas com o tempero índio e negro, transformando-se em algo completamente diferente. Algo típico do Brasil, embora tenha se originado de algo estrangeiro.

Quando Gilberto Gil e os Mutantes introduziram a guitarra elétrica na MPB, muitos chiaram. Para os patrulheiros de plantão, usar guitarra elétrica era se render à dominação cultural americana. Quem conhece a tropicália sabe que foi exatamente o oposto que aconteceu. A mistura de ritmos, instrumentos e influências deu origem a algo completamente novo e inusitado. Algo genuinamente nacional.

Mais recentemente tivemos outros exemplos, ainda na música. Chico Science e Pato fu fazem uma música sem fronteiras, misturando ritmos e dando continuidade a uma tradição que remonta aos primeiros antropófagos que jantaram os náufragos europeus.

O mesmo fenômeno pode ser visto no cinema, literatura, quadrinhos e televisão. Veja-se o caso das telenovelas. Inicialmente realizadas com roteiros importados do México ou de Cuba, elas acabaram tomando uma “cara” nacional. O Brasil inventou um jeito de fazer novela que é reconhecido em todo o mundo e supera em qualidade até mesmo quem nos serviu de modelo.

Fechar-se em si próprio não parece ser a característica do brasileiro. Somos, como dizia Sérgio Buarque de Holanda, um povo cordial. Estamos sempre abertos ao novo, ao que vem de fora. Exemplo disso foram os imigrantes que ajudaram a construir o país e fizeram de nossa população um fenômeno de mistura e beleza. Observar as arquibancadas de um jogo do Brasil é observar um espetáculo de mistura racial e beleza. Há desde pessoas negras a loiras de olhos azuis.

A maioria de nosso povo é uma mistura de negros, índios, portugueses, espanhóis e italianos. O mesmo ocorre com nossa cultura. Nossa ótica é a da mistura. A cultura nacional parece ser uma mescla de todas as outras culturas, mas é também extremamente original.

Somos, portanto, antropófagos. Antropófagos culturais.

Mas para que a antropofagia não degenere em macaquismo (imitação pura e simples) são necessários alguns cuidados.

O primeiro deles, claro, é preservar o que já temos. Não se faz antropofagia abandonando o que já existe para adotar o que vem de fora, e sim misturando o alógeno com o nacional. Como mixar rock com maracatu. Ficção-científica com cordel. Chiclete com banana. Se não preservamos e não damos valor ao que já faz parte da cultura nacional, então seremos eternos imitadores.

Um outro cuidado é fazer uma leitura crítica do que chega até nós. Os índios antropófagos escolhiam as melhores partes para devorarem (preferencialmente o cérebro, pois se acreditava que a inteligência da vítima passaria para o guerreiro). Andar por aí usando camisas de universidade americanas ou vestido de cowboy não é antropofagia, é macaquismo.

Podemos, claro, aproveitar até mesmo o lixo cultural que chega até nós, mas devemos fazer isso criticamente. Isso sim é antropofagia.

Observe que o texto tem por objetivo expor a opinião do autor sobre o assunto. O ponto de vista do escritor, sua ideia sobre a questão é claramente identificada. Ele defende que a cultura brasileira é caracterizada pela antropofagia cultural.

No texto jornalístico, ao contrário, o autor apenas expõe os fatos, sem tomar partido e sem defender um ponto de vista.

EXEMPLO DE TEXTO JORNALÍSTICO

Filha de Fidel lidera manifestação em Nova Jersey

A filha de Fidel Castro, Alina Fernández, vai liderar a manifestação que ocorrerá na próxima quarta-feira (10) em Nova Jersey, Estados Unidos, para pedir que o menino cubano Elián González fique no país.

Lázaro González, tio-avô do menino, com quem Elián viveu em Miami após seu resgate, também vai liderar a manifestação.

O protesto, que acontece em Jersey City, onde vive a comunidade de exilados cubanos mais importante depois de Miami, foi organizada por grupos anticastristas, entre os quais a FNCA (Fundação Nacional Cubano Norte-americana).

Lázaro González e sua filha Marisleydis tentam impedir a volta de Elián à ilha. Para isso, querem que um tribunal permita ao menino cubano pedir asilo político nos Estados Unidos.

O pai do menino, Juan Miguel González, pediu através de seu advogado, Gregory Craig, que o Tribunal Federal de Apelações de Atlanta, que deve examinar o caso na quinta-feira, reconheça o que ele considera seu direito de ser o único representante dos interesses de Elián nos Estados Unidos.

Observe que o jornalista se mantém neutro quanto ao assunto. Ele nem defende que o menino Elián continue nos EUA, nem defende a ida dele para Cuba. Além disso, há toda uma preocupação de organizar as informações. Trata-se da pirâmide invertida: as informações mais importantes aparecem primeiro, depois as informações menos importantes.

Jornalismo é o mesmo que propaganda?

Não. Para começar, há a diferença de objetivos. A propaganda tem como objetivo vender uma idéia, ou um produto. O jornalismo tem o objetivo de informar.

Além disso, há outras diferenças que analisaremos a partir dos exemplos abaixo.

EXEMPLO DE PROPAGANDA

Observe que no exemplo a função mais utilizada é a função conativa. Ou seja, ela é centrada no receptor. O texto tem por objetivo modificar o comportamento do receptor e levá-lo a assinar o uol. O verbo no imperativo demonstra isso: Assine. Um texto publicitário pode até repassar informações, mas isso é algo secundário. O objetivo maior é convencer o consumidor a comprar.

CAPÍTULO 2
O CONTEÚDO DA MATÉRIA JORNALÍSTICA

O conteúdo no texto jornalístico pode ser resumido em 6 aspectos: o que, quem, quando, onde, como, por que.

O que está acontecendo?

Quem está participando dessa notícia? Quais são os personagens?

Quando aconteceu ou quando acontecerá?

Onde aconteceu?

Como aconteceu?

Por que aconteceu? Quais são as razões que levaram esses fatos a acontecerem.

Vamos dizer que estejamos lendo uma matéria sobre um homem que matou a esposa no bairro do Zerão no Sábado, às 19 horas, com uma facada. Veja como as perguntas são respondidas:

O que? Um homem matou a esposa.

Quem? Os personagens principais dessa história são o homem e sua esposa.

Quando? No Sábado, dia 6, às 19 horas.

Onde? No bairro do Zerão.

Como? Ele matou a esposa com uma facada.

Por quê? Ciúme.

Toda matéria jornalística deve responder a 6 perguntas: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Quando? Por quê?

Tente responder às seis perguntas no texto abaixo.

China liberta milhares de vítimas de tráfico de mulheres

Em um pouco mais de um mês, as autoridades chinesas resgataram mais de dez mil mulheres e crianças que eram vítimas do tráfico, segundo anunciou o jornal oficial "China Daily» nesta quarta-feira.

A reportagem disse que desde abril o Ministério da Segurança Pública e a Federação de Mulheres Chinesas identificaram os criminosos que praticavam o comércio de mulheres e crianças nas áreas rurais do país.

O governo chinês tem intensificado sua luta contra o tráfico de pessoas, sendo a prioridade das polícias das Províncias neste ano.

De acordo com a imprensa estatal, as mulheres eram recrutadas em zonas rurais empobrecidas, para serem utilizadas como escravas sexuais em regiões costeiras mais prósperas. Algumas tornavam-se esposas de homens que viviam em comunidades onde existe um menor número de mulheres.

Os meninos são freqüentemente vendidos a famílias que possuem apenas uma menina ou a casais que não conseguem ter filhos. Esse problema esbarra em questões culturais e tradicionais da China, que persistem até hoje.

O "China Daily» afirmou em uma série de matérias que os efeitos do tráfico de mulheres e crianças tornou-se o maior problema social do país, porque compromete a recuperação psicológica das vítimas.

No mês passado, o governo executou quatro fazendeiros e condenou 18 pessoas à prisão perpétua por crimes de rapto e tráfico de crianças e pessoas do sexo feminino.

Também em abril, a polícia chinesa disse que desmantelou uma

quadrilha que forçava à prostituição de pelo menos 105 mulheres e crianças. Na época, os policiais prenderam 77 pessoas envolvidas no crime, que começou em 1998.

Em 19 de abril, a agência de notícias Xinhua revelou que a polícia quebrou o cativeiro de 84 mulheres e crianças, que eram obrigadas a prestar serviços sexuais no sudeste da província de Fujian.

Responda agora as seis perguntas, retirando as informações do texto:

O que?

Quem?

Onde?

Quando?

Como?

Por quê?

CAPÍTULO 3

A FORMA DO TEXTO JORNALÍSTICO

A forma é a maneira como a matéria deve ser escrita. O jornalismo tem as suas próprias regras de redação, assim como a língua portuguesa. Você deve seguir essas regras, assim como segue as regras da língua portuguesa. Você deve aprender essas regras para poder escrever um texto jornalístico.

O que é mais informativo vem primeiro

O objetivo do jornalismo é repassar informações e isso se reflete na maneira como se escreve o texto.

Para isso existe o lide. O lide é o primeiro parágrafo do texto jornalístico. Ele resume as informações da matéria ou expõe as informações mais relevantes, aquilo que a notícia tem de diferente de curioso, de fora do normal. Lembra-se das seis perguntas? Pelos menos quatro delas precisam ser respondidas pelo lide: O que, quem, onde e quando.

O lide é o primeiro parágrafo do texto. Ele resume as informações principais da matéria.

Faça um exercício. Releia as matérias jornalísticas que foram usadas no exercícios anteriores e tente descobrir o lide delas.

Agora vamos ver um exemplo de lide.

Exemplo de lide

O destino e o tratamento final do lixo gerado no ano passado no Estado apresentou melhoras pelo terceiro ano consecutivo. Segundo o Inventário Estadual de Resíduos Sólidos Domiciliares, apresentado ontem pelo Secretário do Meio Ambiente, Ricardo Tripoli, e produzido pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), de 1998 para 1999 houve uma redução de 6% nos 645 municípios do Estado com disposição inadequada do lixo gerado. Também foi constatado um aumento de 10% das cidades que guardam seus resíduos domésticos de forma adequada.

Leia o lide com atenção. Perceba que ele repassa as informações principais sobre o assunto. Através dele, é possível saber sobre o que é a matéria. Você é informado que a matéria trata da questão do lixo, que essa questão está começando a ser solucionada no Estado de São Paulo. Há um personagem (Ricardo Tripoli), há um fato (aumento do número de cidades que guarda o lixo adequadamente), um onde (O Estado de São Paulo). Há também um quando (1998 a 1999). Observe também que essas informações estão devidamente organizadas. São 7 linhas com três frases. Cada frase repassa uma informação. As frases, portanto, são simples, para facilitar a compreensão e organizar as

informações. Falaremos disso mais tarde, mas, por enquanto, fica o recado:

O jornalismo trabalha com frases simples para ajudar a organizar as informações e facilitar a compreensão

Agora vou dar um exemplo de uma matéria que teve o lide retirado. A partir das informações que são dadas ao longo do texto, tente reconstruir o lide. Boa sorte!

Motoristas param terminais de ônibus hoje das 9h às 12 h

Lide:

Trata-se do maior protesto no transporte desde que a campanha salarial começou, há cerca de um mês. Segundo o secretário-geral do Sindicato dos Motoristas e Cobradores de Ônibus, Alcides Araújo dos Santos, o movimento deve atingir 2 mil ônibus, que atendem a 200 mil passageiros no período.

A manifestação, aprovada no fim da tarde de ontem numa plenária realizada na sede do sindicato, é contra a “má vontade” do sindicato patronal, o Transurb, em negociar as reivindicações trabalhistas apresentadas por ocasião da data-base da categoria, em 1.º de maio. De acordo a Transurb, o funcionário que aderir à paralisação terá o dia descontado.

A São Paulo Transporte (SPTrans) deve acionar um plano de apoio para as regiões mais prejudicadas (Paese), que consiste na utilização de veículos de empresas que não estão em greve em bairros onde a população enfrenta problemas mais graves com a falta dos ônibus.

Os empresários do setor, que ficam sem parte do faturamento do dia, temem que mais veículos sejam depredados, como aconteceu anteontem numa manifestação contra a demissão de um sindicalista da viação Campo Belo. Na ocasião, 37 carros foram depredados e o prejuízo, estimado em R\$ 50 mil.

Os metroviários decidiram em assembléia participarem hoje do ato unificado no Estádio do Morumbi, às 14 horas, promovido pela CUT. Amanhã, a categoria irá reunir-se na Avenida Paulista, em frente da Estação Brigadeiro, para discutir formas de luta, como trabalhar sem uniforme, e se entra ou não em greve. Conforme Onofre Gonçalves de

Jesus, presidente do Sindicato dos Metroviários, não houve negociação. A pauta tem 104 itens, entre eles o reajuste salarial de 7,38%, produtividade de 11,45% e aumento da estabilidade de 90 dias para um ano.

Atenção: o contrário do lide é o nariz de cera.

Nariz de cera é quando o jornalista usa o primeiro parágrafo para enrolar. Ele não repassa as informações principais sobre o assunto.

Veja um exemplo de lide:

O advogado do prefeito Celso Pitta (PTN), Mário Sérgio Duarte Garcia, classificou ontem como “estratégia política” a decisão da Comissão Processante de dar continuidade ao processo de impeachment na Câmara Municipal. Garcia disse que pretende incluir novos documentos na defesa do prefeito antes de apresentá-la à comissão.

Agora veja como seria um nariz de cera sobre o mesmo assunto:

As pessoas estão cada vez acreditando menos nos políticos. A falta de ética dos políticos tradicionais faz com que as pessoas percam a confiança. Os casos de corrupção são cada vez mais frequentes. Mas os políticos têm dinheiro e bons advogados e no final tudo acaba em pizza.

Vamos dizer que você vá fazer uma matéria sobre uma rebelião na FEBEM. Os internos da FEBEM de Tatuapé se revoltaram e fizeram dois reféns na manhã do dia 12 de abril. A polícia entrou no prédio e reprimiu a rebelião. Os reféns foram libertados. Dois internos foram hospitalizados com vários ferimentos. Essas são as informações.

Veja como seria um nariz de cera dessa matéria:

Os menores infratores estão se tornando um problema cada vez maior. A FEBEM é o melhor exemplo disso. Todo mundo está preocupado, mas ninguém faz nada.

O parágrafo não apresenta nenhuma informação importante para compreender o episódio. Ou seja, o redator usou o texto apenas para enrolar. Tente escrever um lide usando as mesmas informações.

Faça o lide:

CAPÍTULO 4

O JORNALISMO É ESSENCIALMENTE REFERENCIAL

Você já deve ter estudado em língua portuguesa as funções da linguagem. Elas estão intimamente ligas ao processo de comunicação. Então vamos lembrar um pouco de como funciona o processo de comunicação.

Vamos imaginar uma conversa. Temos duas pessoas conversando. Como ocorre o processo de comunicação nesse caso?

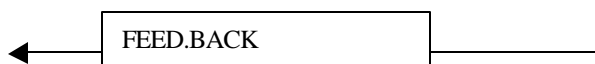
Para que o processo comece é necessário haver um emissor. É ele que vai transmitir a mensagem. A mensagem será transformada em um código (língua portuguesa) a ser transmitido através de um canal (ondas sonoras).

A mensagem deve fazer referência a algo exterior a ela. Se eu digo “Olhe a cor desta mesa”, os referencias são a mesa e sua cor. Se um namorado declara seu amor à namorada, o referente é o amor do qual ele está falando.

A mensagem será recebida por receptor, que decodificará a mensagem e reagirá a ela, através de um feed-back. Feed-back é a resposta à mensagem. Ele pode vir tanto pelo mesmo canal e pelo mesmo código, quanto por canal e código diferentes. Se o namorado diz que ama a garota e recebe um beijo, o feed-back é o beijo.

O processo de comunicação, portanto, ficaria mais ou menos assim:





A cada elemento do processo de comunicação (com exceção do feed-back) corresponde uma função da linguagem.

Quando a mensagem é centrada no emissor, temos a função emotiva. É quando o texto fala de quem o está escrevendo. É um tipo de texto usado, por exemplo, em declarações de amor. Notem o pronome na frase **"Eu** te amo".

Quando a mensagem é centrada no receptor, temos a função apelativa, ou conativa. Função normalmente usada na publicidade: "Compre isso!", "Beba Coca-cola!".

A comunicação centrada no código é metalinguística. É o caso, por exemplo, de um filme sobre o cinema.

A função fática é usada quando queremos testar o canal. É a função que usamos quando queremos Ter certeza de que o receptor está captando a mensagem. Alguns exemplos de frases fáticas: "Alô", "Você está me ouvindo?". Nesse caso, a carga de informação da mensagem é quase nula.

A função poética é quando a comunicação é centrada na mensagem.

Finalmente, a função referencial ocorre quando a comunicação é centrada no referente: "Esta cadeira é azul". O referente da frase são a cadeira e sua cor.

O jornalismo trabalha, essencialmente, com a linguagem referencial. Ou seja, o que realmente interessa são os fatos e seus personagens.

Para cumprir sua função referencial, o jornalismo deve recorrer às seis perguntas (o que, quando, onde, como, quem, por que). Mas a busca da função referencial leva a um cuidado ainda maior.

O jornalismo deve procurar informar o momento exato em que o evento ocorreu, o local exato, as pessoas que realmente participaram, etc.

O jornalismo evita o achismo (função emotiva – eu acho) e o parecismo (parece que fulano estava bêbado, parece que o presidente vai falar à nação).

O texto deve ser referencial. Se o jornalista quiser dizer que determinado motorista estava bêbado, ele deve procurar fatos que comprovem isso (teste de bafômetro, depoimento de testemunhas, declarações do policial rodoviário).

Também se evita frases ou expressões que tenham sentido vago ou impreciso. Deve-se, sempre que possível, trocá-los por informações concretas.

Veja alguns exemplos:

Comerciante próspero - o correto seria lista os bens do comerciante.

Bela mulher – o ideal seria um fato dela ou opinião de pessoa abalizada, como um descobridor de talentos.

Grande salário - dizer o salário.

Grande distância - distância correta.

Edifício alto - número de andares.

Episódio chocante - contar o episódio e deixar ao leitor a interpretação.

General anunciou a abertura de inquérito rigoroso - pela lógica, não deveria haver inquérito não rigoroso.

Ligeiramente desafinado - ou está desafinado ou não.

Aparentemente grávida – ou estava grávida ou não.

Na calada da noite – horário exato em que ocorreu o fato.

Fora do prazo estipulado – um dia atrasado.

Fazia um calor de rachar – 40 graus à sombra.

Parlamentar – deputado federal

CAPÍTULO 5

O JORNAL NÃO PRODUZ INFORMAÇÃO, ELE A DIVULGA

Alguém forneceu a informação ao jornal. Essa fonte deve ser citada. Quando uma matéria diz O consumo de energia elétrica em Macapá nunca foi tão alto, temos de lembrar que alguém repassou essa informação ao jornal. Deve-se citar o autor da fonte. A informação ficaria assim:

Segundo o Presidente da Companhia Elétrica, o consumo de energia elétrica em Macapá nunca foi tão alto.

Nem sempre se usa “segundo”. Há outras maneiras de identificar a fonte. Veja:

“O Consumo de energia elétrica em Macapá nunca foi tão alto”, diz o Presidente da Companhia Elétrica.

Outra maneira de citar a fonte:

O Presidente da Companhia Elétrica diz que “o consumo de energia elétrica em Macapá nunca foi tão alto”.

Se a citação for mais longa, a identificação do seu autor pode vir no meio do texto. Veja:

“O Consumo de energia elétrica nunca foi tão alto”, afirma o Presidente da Companhia Elétrica. “Estamos aumentando a produção para evitar o um blecaute”.

Citar a fonte dá mais credibilidade à notícia .

Se o jornal não a cita, o leitor pode considerar que a informação não é confiável. O uso de citações dão à matéria maior verossimilhança.

Além disso, há um outro motivo para a citação literal do que a pessoa disse.

A citação literal da fala dos personagens é fator importante da retórica do jornalismo. Ela permite ao leitor se identificar com a pessoa e com seu drama, ou compreender melhor seu ponto de vista. A fala também serve para demonstrar aspectos do personagem que sejam importantes, caracterizando-o.

COMO FAZER A CITAÇÃO

Veja no exemplo abaixo como repórter organizou as citações. Tudo que expressa o ponto de vista do personagem foi colocado entre aspas:

Sem definir o que é uma vida “honrada”, Buchanan disse aos repórteres que gays e lésbicas em sua administração precisariam manter sua sexualidade “privada”, e não defenderem direitos para os homossexuais. “Não vou analisar a vida das pessoas”, disse. “Se passarem pelo crivo do FBI, para mim é o bastante.”

Buchanan disse que, no passado, trabalhou com pessoas que ele “achava que eram gays”, e que trabalhavam “muito bem”.

As citações mostram para o leitor o preconceito do personagem. Ao colocar entre aspas o texto, o jornalista deixa bem claro que aquele é o ponto de vista de Buchanan, e não seu.

Por outro lado, embora qualquer um possa perceber o preconceito implícito na situação, em nenhum momento o texto diz que Buchanan é

preconceituoso. Ele simplesmente cita as falas do mesmo e deixa a cargo do leitor essa compreensão.

Atenção: O fato de você fazer uma entrevista com uma pessoa, não significa que isso vá sair no texto na forma de entrevista, com perguntas e respostas.

CAPÍTULO 6

O TÍTULO, O ENTRETÍTULO, O SUBTÍTULO, O CRÉDITO

Título

Segundo o Manual Geral de Redação da Folha de São Paulo, o título deve: “despertar a atenção do leitor para o tema de trata. Deve ser uma síntese precisa da informação mais importante do texto e destacar o particular em detrimento do geral.

Norma geral:

É proibido colocar dois pontos, ponto, ponto de interrogação, reticências, travessão ou parênteses,

Deve-se evitar a reprodução literal das palavras iniciadas no texto;

Deve conter necessariamente verbo, sempre que possível na voz ativa;

Deve estar no tempo presente, exceto quando o texto se referir a fatos distantes no futuro ou no passado”.

Entretítulo

Os entretítulos são títulos colocados no meio do texto para ajudar a separar e organizar as informações.

Subtítulo

O subtítulo é um texto curto, colocado logo abaixo do título, para esclarecer melhor qual é o assunto da matéria.

Crédito

O crédito é o nome de quem fez a matéria. Geralmente aparece no início da matéria, em destaque. Mas pode vir também no final da matéria, entre parênteses.

EXEMPLO

A seguir apresento um exemplo de uma matéria científica sobre o parentesco genético entre árabes e judeus.

Tente perceber nela os vários elementos que já estudamos até agora:

- 1) Descubra qual dos parágrafos é o lide da matéria.
- 2) Quantas informações importantes da matéria estão reunidas no lide?
- 3) O texto responde as seis perguntas? O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê? Como?
- 4) Como estão organizadas as citações? Quem fala? Como essa fala é apresentada ao leitor?
- 5) Há uma parte da matéria que pode ser facilmente cortada sem que isso prejudique a compreensão do leitor. Qual é essa parte?
- 6) Qual é o título? Qual é o subtítulo? Quais são os entretítulos? Qual é o crédito?
- 7) O texto dá alguma opinião sobre o assunto? Ele defende algum ponto de vista ou se limita a repassar as informações e as falas dos personagens?
- 8) Como estão organizadas as informações? Através de frases curtas, com períodos simples, parágrafos curtos, ou através de frase longas, com períodos compostos e grandes parágrafos?

Árabes e judeus têm origem genética comum, diz estudo

Pesquisa divulgada ontem afirma que "irmãos" genéticos teriam um ancestral comum

MARCELO STAROBINAS E PAULO DANIEL FARAH

Mais que "primos", árabes e judeus podem ser considerados irmãos geneticamente e teriam um ancestral comum, segundo estudo divulgado ontem. Pesquisadores norte-americanos, europeus, israelenses e sul-africanos analisaram 1.371 homens de várias partes do mundo, incluindo o Oriente Médio, a Europa e a África, para observar eventuais similaridades genéticas e tentar traçar suas origens.

O estudo observou um grupo de genes do cromossomo Y (presente exclusivamente nos homens) e chegou à conclusão de que judeus e árabes compartilham genes semelhantes.

"Os judeus são os irmãos genéticos de palestinos, sírios e libaneses, e

todos eles compartilham uma linha genética comum que se estende até milhares de anos", afirmam os pesquisadores na revista "Proceedings of the National Academy of Sciences", publicação da Academia Nacional de Ciências dos EUA.

Sérgio Dani, médico e geneticista molecular ligado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto, analisou a pesquisa, a pedido da Folha, e disse que o estudo leva a crer realmente que árabes e judeus são "irmãos".

O trabalho reforça a antiga tese de parentesco. Os dois povos - que eventualmente costumam se chamar de "primos"- são de origem semita e da mesma região.

O árabe e o hebraico pertencem à mesma família linguística. E as crenças religiosas do judaísmo, do cristianismo e do islamismo apontam para um "pai" comum: Abraão (leia texto abaixo).

No final do século 19, surgiu o movimento sionista. Sua idéia central era levar os judeus espalhados pelo mundo à Palestina para formar um Estado judeu, o que gerou disputas pela terra com palestinos que ali viviam.

Mais intensamente após a criação do Estado de Israel, em 1948, fraternidade é uma palavra de raras aparições na história das relações entre os "irmãos genéticos" do Oriente Médio.

Israelenses e palestinos negociam há quase uma década um acordo de paz definitivo.

Israel anunciou uma retirada do sul do Líbano até 7 de julho, e o governo discute com a Síria um acordo para estabelecer relações diplomáticas.

Paz

Já houve tréguas nessa guerra entre irmãos. Na Península Ibérica, judeus e árabes (muçulmanos e cristãos) tiveram convivência muito mais pacífica -acompanhada de uma significativa produção científica e literária- , até a expulsão da Espanha de 1492. As negociações de paz em desenvolvimento no Oriente Médio, que obtiveram importantes avanços, apesar dos ataques de extremistas de ambas as partes, levam à esperança de um fim ao fratricídio deste século.

"A estreita afinidade (genética) entre judeus e não-judeus do Oriente Médio observada apóia a hipótese de uma origem comum", diz Michael Hammer, da Universidade de Tucson, no Arizona (EUA), principal responsável pelo estudo divulgado ontem.

Bomba étnica

Israel teria abortado o desenvolvimento de uma "bomba étnica" - armamento que seria capaz de matar apenas seus inimigos árabes- por causa das características genéticas semelhantes.

O projeto poderia atingir judeus, segundo pesquisadores de um instituto biológico da cidade de Nes Tziona (próxima a Tel Aviv) ouvidos pelo jornal britânico "Sunday Times", em novembro de 1998.

Israel teria aproveitado pesquisas iniciadas durante o apartheid na África do Sul. Na década de 80, o governo segregacionista da minoria branca tentou desenvolver uma arma biológica que atingisse apenas a população negra. O governo israelense nunca confirmou a existência desses estudos.

A análise genética demonstra ainda que os judeus tiveram pouca miscigenação com outros povos.

CAPÍTULO 7

A RETÓRICA DO JORNALISMO

O objetivo do jornalismo não é só informar, mas também criar uma empatia do leitor com a matéria. A matéria jornalística precisa, também seduzir.

Exemplos:

Matérias sobre olímpianos - habitantes do olimpo da indústria cultural. Pelé, papa, lady Di.

Notícias sobre personagens que correspondem a estereótipos ou arquétipos sociais: o malandro que engana a todos, o vingador destemido, o ladrão Robin Hood, o herói revolucionário ou destemido.

Notícias sobre dramas humanos. Todos os pais se identificam com o pai de uma criança sequestrada. Todas as mulheres solteironas se identificam com o drama da mulher que não consegue arranjar marido. Todo motorista se identifica com o drama do motorista que não consegue tirar carteira. Toda pessoa honesta se identifica e se comove

com o caso do comerciante que foi preso por ter sido confundido com perigoso bandido.

Notícias sobre personagens que representam as aspirações coletivas, àquilo que as pessoas gostariam de ser: mais felizes, mais realizadas, mais saudáveis. Um sub-item dessa categoria é o daquelas pessoas que conseguiram vencer os obstáculos, chegando mais próximo daquilo que são as aspirações coletivas. São notícias sobre pessoas que conseguiram vencer os problemas e deram a volta por cima. Exemplos de matérias que exploram esse aspecto: eu venci o câncer, eu venci a morte, eu venci o preconceito racial, eu venci a pobreza.

CAPÍTULO 8

A PAUTA

Ela é uma introdução a respeito do tema, orientando o repórter quanto ao assunto e o ponto de vista que deve ser explorado. Normalmente é feita pelo editor ou pelo pauteiro e entregue ao repórter assim que ele chega à redação.

Segundo o Manual Geral da Redação da Folha de São Paulo, a pauta deve ter:

- 1) Um breve histórico dos acontecimentos que constituem o objeto da reportagem;
- 2) Um roteiro das questões essenciais que a reportagem deverá responder;
- 3) Pelo menos uma hipótese que a reportagem vai confirmar ou refutar;
- 4) Aspectos mais relevantes para a linha editorial da FOLHA no tema da reportagem;
- 5) Aspectos até então pouco explorados sobre o assunto;
- 6) Indicações de nomes de pessoas, com endereços e telefone, que podem ser procuradas como fonte de informações.

Claro que esse é padrão ideal de uma pauta. Algumas pautas podem ter menos informações. Mas é essencial que seja repassado ao repórter o assunto de maneira bastante clara, com o enfoque que deve ser seguido e as sugestões de fontes, com nome e telefone.

EXEMPLO DE PAUTA

INTERNET ATRAI PUBLICITÁRIOS

A confecção de home-pages, uma atividade antes dominada por técnicos em informática, está atraindo cada vez mais publicitários. A matéria deve focar essa mudança e esclarecer porque os empresários estão preferindo contratar agências de publicidade para fazer suas home-pages. O que os publicitários fazem de diferente? Um visual mais bonito? Mais facilidade de navegação?

Entrevistar:

publicitários que estão se aventurando na nova mídia.

Empresários que estão dando preferência às agências.

Técnicos em informática.

Sugestões de fontes:

Elísio Eliam, da agência Da Vinci - fone 333-3333

Sugestão de pergunta:

Qual é o atrativo da internet para as agências?

Fernando Silva - técnico - fone 444-4444

Sugestão de pergunta:

Os técnicos estão se sentido ameaçados?

José Moreira - empresário - fone 222-2222

Sugestão de pergunta:

O que o levou a preferir um publicitário para a confecção de sua home-page?

Atenção: pauta não é o mesmo que matéria jornalística!

A pauta antecede a matéria. Ela serve para o repórter se orientar e poder fazer a matéria.

A seguir apresento dois exemplos. Um é uma pauta. O outro é a matéria jornalística. Tente estabelecer as diferenças entre os dois.

Exemplo 1**E-BOOKS**

Os livros eletrônicos estão conquistando cada vez mais adeptos. A matéria deve explorar essa mudança de comportamento. Devem ser entrevistadas pessoas que adoram e-books e pessoas que simplesmente não os suportam. Algumas perguntas que devem ser respondidas: O que os e-books trazem de novo? Quais são as suas vantagens? Quais as desvantagens?

Sugestões de fontes:

Michella Cunha - Ela é um exemplo de alguém que não gosta de e-books. Fone 111-1111

Sugestão de pergunta:

-Por que você não trocaria um livro de papel pelo livro eletrônico?

Vítor Conceição é um exemplo de alguém que adora os e-books. Fone: 777 7777.

Sugestão de pergunta:

- O que os livros eletrônico têm que os livros de papel não têm?

Exemplo 2**Página virada para o papel****Alessandra Carneiro**

Ainda é cedo para dizer que o e-book é popular, mas já há muita gente apostando alto nesse novo formato. Em controvérsia, existem aqueles que garantem não trocar a leitura tradicional por nada.

Michella Cunha, de 23 anos, se enquadra no segundo caso. "Além de provocar cansaço, os livros eletrônicos não vão superar a emoção de virar as páginas. Eu adoro ficar lendo deitada na minha cama. A capa e uma orelha bem escrita são capazes de me envolver completamente. Não costumo dizer 'dessa água não beberei', mas os e-books não me fascinam", confessa.

Vítor Conceição, de 25 anos, apesar de ser um fã declarado dos e-books, não discorda de Michella quando ela afirma que ler no monitor pode ser um tanto quanto fatigante. Porém, ele acredita que os livros digitais têm se adaptado bem a essa nova forma. "A maioria dos textos para Internet é curta. Acho que um bom tamanho seria algo entre 50 e 100 páginas. Mais do que isso, fica cansativo", opina. No entanto, Vítor

não se esquece de apontar as vantagens dos e-books. "Permitir que um autor novo tenha seu trabalho distribuído sem influência de questões mercadológicas é importante. Além disso, temos a possibilidade de fugir da linearidade. Alguns dos melhores e-books que já li, como o Tristessa e o Quensboro Ballads, são trabalhos feitos em hipertexto, coisa que não seria possível se eles fossem livros tradicionais", garante.

Se os e-books tomarão o lugar dos livros tradicionais é uma outra história. Por enquanto, tanto quem é a favor quanto quem é contra a literatura eletrônica dividem a mesma opinião. "Não acredito que eu vá deixar de comprar livros. Gosto de poder olhar, sentir o cheiro do papel, a textura, ler a dedicatória, coisas assim. Acho que o e-book e os livros tradicionais são apenas complementares", conclui Vítor.

Veja outro exemplo de pauta:

ECONOMIA INFORMAL

Aproveitando o crescimento da economia informal em nosso Estado, vamos fazer uma matéria sobre o assunto. Serão entrevistados os camelôs do centro da cidade. A matéria deve esclarecer as razões que os levaram a desenvolver essa atividade. Além disso, podem ser mostradas as dificuldades dos camelôs no dia-a-dia.

Verificar como os camelôs estão organizados em nosso Estado. Que tipo de apoio eles recebem das instituições estaduais e municipais?

Fazer fotos mostrando os entrevistados em local de trabalho e fazer foto mostrando uma geral do local em que eles trabalham.

CAPÍTULO 9

ORGANIZANDO AS INFORMAÇÕES EM FRASES SIMPLES

Um dos principais problemas de quem começa a fazer matérias jornalísticas é a tendência de juntar várias informações em uma única frase.

A função do jornalista, além de divulgar informações, é também organizá-las de forma que o leitor possa identificar rapidamente o que quer no texto. Ao se juntar várias informações numa única frase, o jornalista dificulta a leitura e pode levar a compreensões completamente equivocadas – isso quando o leitor consegue ir até o fim do texto.

Vamos imaginar uma situação. O jornalista José Energúmeno foi mandado para fazer uma matéria a respeito de um acidente de trânsito. Ele descobriu que o acidente havia ocorrido com um ônibus e redigiu a seguinte frase:

UM ÔNIBUS SE ACIDENTOU NA BR 346.

Energúmeno achou que era pouco. Podia ser até um bom título, mas certamente ainda faltava algo para se tornar uma matéria. Você consegue imaginar o que falta? Sim, basta se lembrar das seis perguntas. Ele percebeu que faltavam personagens para a história: os passageiros, e redigiu assim a sua frase:

UM ÔNIBUS, TRANSPORTANDO 20 PASSAGEIROS, SE ACIDENTOU NA BR 346.

Tudo bem. Só que seria interessante dizer quem eram essas pessoas. O leitor deve ser seduzido pela matéria. Energúmeno achou que a presença de crianças no ônibus ia ajudar o leitor a se identificar com a situação. Então ficou assim:

UM ÔNIBUS, TRANSPORTANDO 20 PASSAGEIROS, ENTRE ELES UM MULHER E DUAS CRIANÇAS, SE ACIDENTOU NA BR 346.

Em seguida ele foi acrescentando novas informações à frase:

UM ÔNIBUS, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU EM UM CARRO NA BR 346.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU EM UM CARRO NA BR 346.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU EM UM CARRO MODELO CORSA NA BR 346.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, NA NOITE DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, ÀS 19 HORAS DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346 E MORRERAM 15 PESSOAS.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS QUE ESTAVAM DE FÉRIAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, ÀS 19 HORAS DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346 E MORRERAM 15 PESSOAS.

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS QUE ESTAVAM DE FÉRIAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, ÀS 19 HORAS DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346 E MORRERAM 15 PESSOAS E A POLÍCIA ACREDITA QUE O MOTORISTA ESTIVESSE EMBRIAGADO. .

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS QUE ESTAVAM DE FÉRIAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, ÀS 19 HORAS DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346 E

MORRERAM 15 PESSOAS E A POLÍCIA ACREDITA QUE O MOTORISTA, QUE SOBREVIVEU, ESTAVA EMBRIAGADO.

No final, Energúmeno redigiu a seguinte frase:

UM ÔNIBUS DA LINHA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS- SÃO PAULO, TRANSPORTANDO 20 PESSOAS QUE ESTAVAM DE FÉRIAS, ENTRE ELES UMA MULHER E DUAS CRIANÇAS, BATEU, ÀS 19 HORAS DE ONTEM, EM UM CARRO MODELO CORSA, QUE CAPOTOU, NA BR 346 E MORRERAM 15 PESSOAS E A POLÍCIA ACREDITA QUE O MOTORISTA, QUE SOBREVIVEU, ESTAVA EMBRIAGADO, MAS ELE NEGA PORQUE NÃO HÁ NENHUMA PROVA DISSO E OS POLICIAIS NÃO FIZERAM TESTE DE BAFÔMETRO.

O editor, claro, não entendeu nada. Nem os leitores. Vamos tentar melhorar o texto do Energúmeno. Reescreva o parágrafo, organizando as informações em frases simples.

BIBLIOGRAFIA

- EPSTEIN, Isaac. Teoria da Informação. São Paulo, Ática, 1986.
- LAGE, Nilson. Linguagem Jornalística. São Paulo, Ática, 1993.
- Manual de Estilo Editora Abril. São Paulo, Nova Fronteira, 1990.
- Manual Geral da Redação - Folha de São Paulo. São Paulo, Folha de São Paulo, 1987.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista - o diálogo possível. São Paulo, Ática, 1990.
- PIGNATARI, Décio. Informação. Linguagem. Comunicação. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- VANOYE, Francis. Usos da Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- Folha on line - <http://www.uol.com.br/folha>
- Terra Notícias - <http://www.terra.com.br/frterra.htm>

Sobre o Autor e sua Obra

O Prof. Ivan Carlo é jornalista, professor, roteirista e escritor. Mestre em comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo.

Tem realizado trabalhos para publicidade, como o roteiro do desenho animado "SUS", para a Secretaria de Saúde de Curitiba.

Sua produção literária inclui um livro infantil (*Os Gatos*, editora Módulo), um artigo na coletânea de artigos acadêmicos *Histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e prática* e o livro *Spaceballs*, publicado pela Associação Brasileira de Arte Fantástica.

Colabora com vários sites e publicações, sob o pseudônimo de **Gian Danton**.

Produz roteiros de quadrinhos desde 1989, quando estreou na extinta revista Calafrio. Sua produção de roteiros para quadrinhos inclui histórias para as editoras Nova Sampa, ICEA, D´arte, Brazilian Heavy Metal, Metal Pesado e para a editora norte-americana Phantagraphics.

Seu trabalho mais recente na área de quadrinhos foi o roteiro e a edição de texto da revista Manticore pelo qual ganhou os prêmios Ângelo Agostini (melhor roteirista de 1999) e HQ Mix (melhor lançamento de terror).

Mantém o site Idéias de Jeca-tatu (<http://www.lagartixa.net/jecatatu>), único no Brasil especializado na discussão sobre roteiro para quadrinhos.

É professor titular de Língua Portuguesa do Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP e coordenador do curso de jornalismo da Faculdade SEAMA.

Para corresponder com o Prof. Ivan Carlo escreva: calliope@uol.com.br